

LUXURIOSI

José M. da Silva

ACTUS I

— Vamos, está na hora — disse ele, abrindo a porta do quarto.

Ela estava deitada de costas na cama, só com uma camisola curta de renda transparente, sorrindo lascivamente para ele.

— Princesa, vamos nos atrasar — in-

ansavam; agora era diferente. Eram protegidos, encorajados e apoiados por alguém poderoso. O preço a pagar era baixo. Se é que se podia chamar aquilo de preço. Estava mais para tributo, pedágio, prêmio.

ACTUS II

A reunião correu sem intercorrências, todos os candidatos interessados em trabalhar para aquela grande rede de lojas que, todos sabiam, pagava acima do mercado e oferecia benefícios invejáveis. Não sabiam os candidatos – tampouco os funcionários – que nem todo aquele sucesso devia-se aos patrões, mas, embora nada existisse de ilegal segundo as leis do país, não estariam preparados para saber exatamente como tudo funcionava por trás dos meandros comerciais, terrenos, do negócio. Alguns eleitos acabavam por saber, mas eram bem poucos, um grupo seletivo, que não se

sistiu ele, entrando no quarto.

— Não vamos, se você não ficar parado aí falando por muito tempo — argumentou ela, abrindo as pernas e o convidando com o polegar. — Podemos ser rápidos.

Como sempre, ele não resistiu àquela mulher sensual, ou deveria dizer sexual, aproximou-se da cama e, sem nem tirar totalmente a roupa, penetrou-a com vontade. Foram rápidos.

Entraram no carro e se dirigiram ao escritório da empresa, uma rede de lojas de atacado. Haviam marcado para aquela manhã entrevistas com candidatas a diversos cargos e já estavam atrasados. No entanto, o desejo dos dois era insaciável e, como podiam se dar a esse luxo por serem os patrões, não tinham pudores em deixar os inferiores – como eles os denominavam – esperando. Afinal, pre-

pronunciariam.

Por ser uma empresa conhecida e já bem estabelecida no mercado, selecionava seus funcionários pela experiência progressiva, pela inteligência, pelo currículo, pela aparência e pelo físico, embora outros atributos também fossem igualmente levados em conta.

Asmo e Lili eram legalmente casados, amavam-se verdadeiramente e tocavam seu negócio irrepreensivelmente. Por serem ambos devotados ao sexo, tinham um pacto: não se envolverem com funcionários. Jamais. É bem verdade que já haviam cruzado essa linha, mas foram poucas vezes. E felizmente, sem consequências. Não queriam atrair suspeitas, além de possíveis problemas judiciais e trabalhistas; a empresa era seu ganha-pão, sua fonte de renda, o custeio de seu vício na devoção a seu deus, a quem deviam tributo.

cisavam de trabalho, em um país com índices altíssimos de desemprego.

— Será que teremos alguém interessante hoje? — perguntou ela, quase ao chegarem à garagem do prédio.

— Quem sabe? — respondeu ele. — Mas você precisa se controlar. Lembre-se de nosso pacto.

— Sei, sei. Nunca nos envolvermos com os empregados — lembrou ela.

— Isso mesmo. Vamos evitar encrascas. Pelo menos nessa vida...

Assim que saíram do elevador privativo, o cumprimento respeitoso da recepcionista:

— Bom dia, senhor Asmo, senhora Lili. Querem um café antes de começarem? Já estão todos prontos e aguardando na sala de reuniões.

— Não é necessário — respondeu Lili. — Já tomamos nosso café da manhã. E que café.

Por outro lado, o corpo carnal – e talvez algo mais profundo e anterior – atraía-os a outros corpos, que, por vezes, eram seus funcionários. Tentavam evitar tais relações a todo custo, mas nem sempre era possível.

O fato de se dedicarem ao lúbrico não excluía potenciais parceiros e parceiras. Asmo nascera num corpo de homem, o que não o impedia de sentir atração por outros homens; Lili nascera num corpo de mulher, o que não a impedia de sentir atração por outras mulheres. Arranjos sexuais tampouco importavam: a dois, a três, a quatro, grupos, orgias, tudo era bem-vindo, contanto que trouxesse prazer e satisfação. A rigor, prazer era a única sensação conhecida pelos humanos puros; satisfação, nem sempre – era algo mais elevado, que exigia outros níveis de experiência.

De qualquer modo, conseguiam se-

A recepcionista não viu quando Lili, fora de seu campo de visão, apalpour o sexo do marido, ignorando totalmente as câmeras de segurança. Afinal, por que se preocupar? Eram os donos.

Eram viciados em sexo. Um com o outro. Com outras pessoas. Viviam para isso. O negócio, o trabalho, as viagens, tudo constituía o meio indispensável para financiar seu vício. Um vício carnal, mas não somente. Era mais do que isso. Estava no espírito, na alma, na existência, certamente por séculos. Sabiam disso. Em outras épocas seria um pecado. Mortal. Luxúria. Seriam executados, queimados vivos, mas viviam em outro momento do universo. Finalmente, podiam dar vazão a sua voracidade erótica, sexualizada. Que assim fosse, então. Em outras épocas, morreram sem usufruírem de todas as sensações por que

parar a vida pessoal da vida profissional. Gerentes, supervisores e funcionários não suspeitavam do que acontecia na residência do casal e muito menos no subsolo.

ACTUS III

A casa onde moravam ficava num bairro nobre da cidade. Nada momentoso, somente uma casa de classe alta em um bairro de luxo. Muro alto, câmeras de vigilância, seguranças, empregados, em suma, o esperado em uma casa de tal quilate.

Era conhecida por suas festas; em geral, uma por mês. Não que atrapalhasse a vida dos vizinhos ou que trouxessem multidões, mas era sabido que havia uma festa, grande, concorrida, para convidados especiais, de fora, nunca das redondezas. Não era possível perceber do exterior, mas o terreno em si era bem maior do que a parte construída; não

ao redor da casa, mas abaixo. Assim, os convidados, munidos de um cartão magnético, entravam diretamente na mansão sem causar filas ou engarrafamentos. Tudo muito simplificado e rápido.

Os banquetes eram fartamente regados a comida e bebida. Varavam a noite e, a rigor, ninguém de fora sabia quando terminavam, visto que a saída era semelhante à entrada, ou seja, sem grande alarde. A reunião ocorria no salão principal, ao nível da rua. Este andar era destinado somente aos donos da casa e aos ocasionais hóspedes. Havia um subsolo, mas este era acessível apenas para convidados muito especiais, selecionados, parte de algo muito mais abrangente que uma trivial festa mundana.

A festa no salão principal era, até certo ponto, um evento padrão. Comida e bebida, tudo do bom e do

todos aceitavam, fosse pelo interesse que tais temas despertavam, fosse pelo carisma e pela habilidade de persuasão por parte dos donos da casa.

Naquela noite específica, doze pessoas foram selecionadas, sete mulheres e cinco homens; algumas chegaram juntas ao lugar, outras não. Aos poucos, muitos convidados foram se retirando, alguns permaneceram no salão principal e nem deram pela falta dos donos do lugar e dos poucos que, devidamente instruídos, dirigiram-se ao andar inferior, quando solicitados.

ACTUS IV

A porta do salão do subsolo impressionava pela altura e largura. Era uma porta dupla de madeira totalmente entalhada com motivos medievais, portada rebuscada em pedra, encimada por um arco de vitrais multicoloridos. Foi aberta por dois empregados vestidos de preto, e os visitantes

melhor, boa música para todos os gostos, considerando que o enorme salão era dividido em diversos ambientes. Dependendo de onde se sentava, o som que vinha de cima não se misturava com o dos ambientes vizinhos; nem havia necessidade de divisórias físicas, dada a elevada qualidade e sofisticação do equipamento. Cada ambiente era suavemente iluminado por luz de cores diferentes, uma para cada ambiente, mas sempre uma variação do vermelho. A decoração era de extremo bom gosto e a mobília proporcionava conforto e acessibilidade a todos. A frequência era plural: brancos, pretos, homens, mulheres, héteros, lgbs, pessoas com deficiência e quem mais pudesse e desejasse participar. Em princípio, os convidados eram pessoas endinheiradas, mas, como era permitido que cada pessoa levasse até três convidados ou convidadas, esta regra possuía certa flexi-

foram encaminhados ao salão principal. O salão, um pouco menor do que aquele do andar superior, era ricamente decorado com cortinas, tapetes e quadros nas paredes. No fundo, havia uma mesa comprida com bebida, comida, cálices, louça e talheres; na lateral esquerda, podiam-se ver nichos com esculturas, cada um com uma mesa e três cadeiras; na lateral direita, portas fechadas; na frente, em um piso elevado, dois tronos iguais, ambos forrados de feltro vermelho, um ao lado do outro, onde estavam sentados Asmo e Lili, paramentados com o que pareciam ser mantos ricamente adornados com adereços de pedras, ouro e prata. No centro do salão, um sofá dividido em dois semicírculos inclinados a quarenta e cinco graus em relação aos tronos. Sua disposição era tal que as pessoas ficavam quase de frente umas para as outras e conseguiam ver os ocupantes dos tro-

bilidade. A beleza de rosto e de corpo, entretanto, era comum à maioria dos presentes, mas não era condição de rigor.

Basicamente, comiam, bebiam, dançavam, conversavam, flertavam, namoravam, casais eram formados, casais eram desfeitos, assuntos dos mais variados teores eram discutidos, negócios eram fechados, mas havia uma regra de ouro, uma só: não eram toleradas discussões acaloradas, brigas e elevação do tom de voz. A infração a esta regra causava a expulsão sumária dos envolvidos, que jamais retornariam.

Asmo e Lili circulavam entre os convidados, socializavam, conversavam e procediam ao mais importante dessas reuniões: selecionar quem seria convidado para o subsolo mais tarde. Ninguém sabia que estava sendo avaliado. Os anfitriões possuíam crité-

rios. Todos foram instruídos a tomarem assento nos dois lados do sofá.

Depois de todos estabelecidos, Asmo pediu a palavra.

— Amigos e amigas, em primeiro lugar, gostaria de agradecer a presença de todos. Hoje é nosso primeiro encontro, e espero vê-los mais vezes. Sei que vocês ainda têm muitas perguntas, e nem todas serão respondidas hoje. Lili apresentará as informações básicas de nossa sociedade, e depois poderemos responder algumas perguntas. Minha princesa, fale.

Lili aprumou-se no trono e começou a falar.

— Somos um grupo que tem raízes na antiguidade. Quando falo de antiguidade, estou falando de mais de cinco mil anos. Com o passar dos séculos, fomos adquirindo conhecimento e aumentando nossas fileiras. Privilegiamos as sensações e o que

podemos aprender com elas, sempre com o intuito de desenvolver nosso espírito. Acreditamos numa força interior que provém de nossas sensações carnis. Se a canalizarmos da maneira correta, aos poucos poderemos evoluir em nossa existência aqui e, temos certeza, além deste plano também. Sim, nosso grupo acredita na vida após a morte e no retorno de nosso espírito, que é eterno, a outros corpos. Eu sou uma das reencarnações de Liliith, de quem vocês já devem ter ouvido falar de maneira distorcida, graças às religiões estabelecidas. Para muitos, sou conhecida como a primeira mulher de Adão, mas, na verdade, sou anterior a ela. Meu príncipe é uma das reencarnações de Asmodeus, um dos príncipes do inferno, abaixo somente de nosso patrono e protetor, Lúcifer. Não me deterei nos detalhes hoje, mas aos poucos falaremos mais disso. Por agora, basta ter

em mente que sou a essência primordial do feminino e ele é a essência primordial dos prazeres carnis. Ambos somos associados por alguns ao chamado pecado da luxúria, somos execrados como demônios, seres impuros, concupiscentes, degenerados. Meu príncipe, por favor prossiga.

— Pois bem — retomou Asmo.
— Não é difícil imaginar que seres ancestrais tenham sua história alterada ao longo dos séculos. No entanto, não pedimos que acreditem em nós quando dizemos que não somos quem, ao longo dos séculos e séculos, disseram que somos. Temos um propósito e vimos lutamos por ele. Aos poucos, vocês saberão de tudo que sabemos e poderão formular seu próprio julgamento. Pertencemos a uma sociedade muito antiga, que se renova ao longo de sucessivas encarnações. Somos discípulos de Lúcifer,

olhando-a com afeição e respeito, emendou.

— E é para fazer parte de nosso grupo que os reunimos aqui hoje. Caso decidam fazer parte de nossa sociedade, no próximo encontro daremos mais detalhes; caso decidam que este não é o caminho para vocês, podem sair agora e nada lhes será cobrado. Quem sair, nem se lembrará desta conversa; quem ficar, poderá fazer algumas perguntas e participar do ritual de iniciação. Deixaremos que vocês reflitam durante quinze minutos e retornaremos com os que decidirem permanecer.

ACTUS V

Duas pessoas pediram para ir embora e foram conduzidas à saída. Às dez pessoas que ficaram, foi dito que poderiam se servir da comida e da bebida disponíveis na mesa ao fundo do salão. Todos aproveitaram para com-

embora discordemos dele em diversos aspectos. Adotamos o título de Luxuriosos, que, em latim, queria dizer algo como "os luxuriosos". Utilizamos o termo "luxúria" entre nós não com o significado atribuído pelos cristãos e outros estudiosos, mas sim com o significado original de "magnificência", termo antigamente aplicado ao viço e à opulência das vegetações e posteriormente associado ao excesso e à busca dos prazeres sensuais e materiais. Em nossa definição, a luxúria – vamos manter a palavra, meramente por tradição – está relacionada àquilo que nos deixa dominar pelas paixões, sejam quais forem.

Asmo fez uma pausa, tomou fôlego e prosseguiu.

— Somos apegados às paixões, especialmente ao excesso das paixões; excesso no sentido de grande quantidade, não de exagero. Talvez por isso,

partilhar suas primeiras impressões sobre o que ouviram e, após aproximadamente meia hora, pediu-se que retomassem seus assentos anteriores, para que Asmo e Lili dessem prosseguimento a suas explicações.

Houve perguntas genéricas, superficiais, que foram respondidas genérica e superficialmente, visto que não era possível entrar em detalhes antes da iniciação, que foi marcada para dois dias depois, quando não haveria festa; todos entrariam direto no subsolo, onde a cerimônia teria lugar.

— Espero que, para o momento, todos estejam satisfeitos — disse Asmo, ao final da sessão de perguntas.

Todos olharam para o lado direito quando as portas foram abertas, permitindo ver que davam para aposentos longos e estreitos, decorados com tons de vermelho. De fato, eram corredores que se assemelhavam a peque-

todos aqui presentes tenham abundância de dinheiro, imóveis, terrenos, posses e bens materiais. Não há erro nisso. Mas e quanto às demais paixões? Sexo, amor, conhecimento, espiritualidade, exatamente nesta ordem? Vejam, acreditamos que as sensações carnis são o início, o gatilho que dispara tudo que vem depois, culminando na evolução da espiritualidade. O mundo ainda não está preparado para isso, como sabemos muito bem eu e Lilith; já fomos torturados, queimados, perseguidos e assassinados em vidas anteriores. No entanto, acreditamos piamente que o crescimento espiritual é o fim a ser almejado; as sensações carnis são o início, o caminho. Esta tem sido a visão de nossa sociedade ao longo dos milênios.

— Permita-me seguir daqui, meu príncipe — interrompeu suavemente Lilith. — Esse é exatamente o pro-

nos apartamentos, mobiliados com mesa, cadeiras e cama de casal, além de outros móveis e objetos que não eram discerníveis a partir do salão; ao fundo, embora os convidados ainda não vissem, uniam-se todos em outro grande salão, tampouco visível de onde estavam.

— Como podem ver a sua direita, temos aposentos preparados para quem desejar pernoitar; afinal, já são quatro horas da madrugada. Se desejarem ir embora, espero vê-los na iniciação; se desejarem ficar, podem ir embora e voltar para a iniciação. Devo lembrar-lhes de que os aposentos são destinados a quem desejar deles usufruir, seja individualmente, seja a dois, a três, em grupo – não tecemos julgamentos. Não há câmeras – fiquem tranquilos. Caso desejem passar a noite com alguém – ou com mais de uma pessoa – fiquem à

posição de nossa sociedade: evoluir do carnal ao espiritual, sem julgamentos. Na verdade, nada disso é novidade. Diversas sociedades, seitas, abordagens e religiões privilegiaram as sensações da carne, explícita ou implicitamente, com objetivos por vezes nobres – que enaltecemos – e por vezes egoístas e abjetos – que condenamos. Todos já devem ter ouvido falar do tantra, da kundalini, do êxtase de Santa Teresa – algo profundamente deturpado e mal-interpretado, diga-se de passagem –, dentre outros exemplos que poderíamos relacionar. Tudo isso, aprovamos. É bem verdade que muitos se utilizam de suas posições de superioridade para coagir, manipular, assediar, agredir, violentar, estuprar e vilipendiar. Tudo isso, desaprovamos. Usamos a carne para chegar ao espírito, somente isso.

Lili interrompeu sua fala, e Asmo,

vontade; estarão sozinhos aqui. A comida e a bebida serão renovadas na mesa ao fundo, mas, de resto, estarão sozinhos, com total privacidade para darem vazão ao que desejarem. Afinal, nosso grupo é guiado pelo desejo, pela carne, pelas sensações. Se é que posso me antecipar, bem-vindos e bem-vindas a nossa sociedade milenar.

ACTUS VI

A iniciação consistia em um ritual relativamente breve. Todos se paravam com túnicas de cetim vermelho entregues pessoalmente por Asmo e por Lili. Por baixo das túnicas, só a pele. Ficavam de pé no salão do subsolo, braços e cabeças abaixados, e ouviam atentamente o que era dito pelos dois em uma língua – ou seriam línguas – que não conheciam. De tempos a tempos, traduziam os trechos que reputavam importantes. Ao final, aqueles que aceitavam fazer parte da

confraria faziam um juramento. Juravam nada dizer sobre o que acontecia durante os encontros a absolutamente ninguém que não fizesse parte da sociedade. Juravam que, caso desajassem sair da congregação, precisavam comunicar a decisão a Asmo ou Lili; eles não sabiam, mas, se isso ocorresse, sua memória dos fatos até então seria apagada. Juravam não ter contato com ninguém do grupo fora das reuniões, exceto nos casos em que já se conhecessem previamente. Juravam total lealdade a Asmo e a Lili. Juravam total lealdade a Lúcifer, a quem assumiam como seu mestre e senhor. Juravam não utilizar qualquer conhecimento adquirido durante os encontros para fazer ou causar o mal. Neste último caso, a punição seria a morte em presença de todo o grupo. Neste momento, eram informados de que Asmo e Lili, devido a seus poderes, saberiam de tudo que faziam em

de milênios, detectaram algo de errado. Asmo viu-se obrigado a admitir a traição a Lili, que, embora não exclusivista em sua relação com ele, sentiu-se traída, com razão, até porque a relação dos dois era bastante aberta para permitir qualquer tipo de arranjo semelhante, contanto que feito com conhecimento mútuo.

Envolvida, a polícia foi obrigada a investigar. Reticentes a princípio, por se tratar de pessoas endinheiradas e influentes, uma denúncia de tal monta não poderia ser descartada. Mergulharam na vida pessoal e financeira de Asmo e Lili, revolveram tudo que era possível sobre as empresas, entrevistaram empregados, enfim, fizeram uma verdadeira devassa na vida pessoal e profissional dos dois. Depois de duas semanas, não descobriram nada que os desabonasse, mas Sara também mencionara algo sobre

suas vidas, ou seja, nada poderia ser escondido; em nome da confiança, entretanto, era melhor serem francos. Juravam, por fim, concordar com tudo isso.

Quando a cerimônia terminava, todos recebiam uma marca no ombro esquerdo, marca essa que desaparecia imediatamente. Melhor dizendo, desaparecia para olhos humanos, mas lá permaneceria pela eternidade. Não havia contrato, assinaturas ou qualquer documento; o "registro" era realizado de maneira etérea.

Ao final da cerimônia, Asmo e Lili diziam, ao mesmo tempo:

— Nós vos saudamos, em nome de nosso mestre, Lúcifer, o anjo que jamais cairá. Que o prazer nos leve aonde nenhum espírito jamais esteve.

Após alguns segundos, Asmo retornava a palavra:

um culto secreto. Precisaram investigar mais a fundo.

É bom que se diga que Asmo e Lili poderiam ter interferido em outro nível desde o início e apagado tudo que Sara e os investigadores soubessem, mas optaram por deixar o processo seguir seu curso. Poderia haver mais gente envolvida. Seria algo como alguém alegar ter sido esfaqueado e levado a um hospital. Apagar todas as evidências em tal caso seria algo considerável. Não valeria a pena, concluíram. Tudo se encaminhava para um final satisfatório, mas Lili preferiu se precaver e convocou seu patrono para saber o que ele pensava a respeito. Asmo foi contra, a princípio, mas acabou por concordar.

Lúcifer reuniu-se com os dois, condenou o que Asmo fizera, mas, em poucos dias, miraculosamente, o processo foi encerrado, Sara aparen-

— A cerimônia está encerrada.

Todos os encontros terminarão desta forma: quem desejar ir embora, basta se dirigir à saída; quem desejar permanecer, os aposentos a direita estão disponíveis. Lembrem-se de que nosso lema é viver pelo prazer. Portanto, não se intimidem, caso sintam vontade de convidar uma ou mais pessoas para conversar com palavras, com o corpo ou com a alma. Aqui não há juízos de valor. Deixem os sentimentos fluírem. Deixem as sensações vos guiarem. Deixem as atrações criarem vínculos.

ACTUS VII

Quem nunca ouviu que "o proibido é mais gostoso" ou que "toda regra tem sua exceção"? O fato é que Asmo acabou por se envolver com a funcionária de uma de suas lojas, quebrando o acordo entre ele e Lili. Pior: não foi um envolvimento qualquer,

temente não mais se lembrava do que acontecera e, tudo indica, desapareceu sem deixar vestígios. Assim ocorre – sempre ocorreu – entre os humanos e os sobre-humanos: o poder tudo pode, tudo compra e tudo resolve, de uma maneira ou de outra, por bem ou por mal, doa a quem doer, sofra quem sofrer.

Asmo foi punido e obrigado a tomar o lugar de Lúcifer como guardião do inferno, enquanto Lúcifer assumiria a forma e a função de Asmo na administração das empresas do casal.

E na companhia de Lili.

ACTUS VIII

A atração de Lili por Lúcifer foi imediata. E vice-versa. O que não era surpresa, a se levar em conta de quem se tratava. Apaixonaram-se, envolveram-se e amaram-se de tal maneira que Lili chegou a questionar o que

esperado dentro das relações carnis estimuladas pelos luxuriosos. Foi algo mais profundo. Alguns diriam que foi amor. Verdadeiro? Impossível saber. À revelia de Lili, que poderia tê-lo trazido à razão, Asmo deixou-se levar pela beleza da mulher e por suas, digamos, habilidades no leito. Após algumas semanas de relacionamento mais intenso e secreto – fora até mesmo do conhecimento de Lili, diga-se – Asmo entediou-se e comunicou a Sara – esse era seu nome – que permaneceriam somente membros da sociedade luciferiana, não mais como amantes. Sara não aceitou muito bem a rejeição. Estava por demais afeiçoada a ele. Bem mais do que somente envolvida por atrações carnis.

Insatisfeita, Sara denunciou Asmo por assédio à polícia. Parou de frequentar as reuniões. Asmo e Lili, por meio de poderes adquiridos ao longo

sentia por Asmo. Lúcifer não ficou insensível ao acontecido – Lili era um ser digno de nota, nota máxima –, mas, mais experiente em milênios de relações entre humanos e não humanos – afinal, sua existência sobrepujava em séculos a de Lili –, sabia onde precisava concentrar seus esforços. E, certamente, não era na companhia de Lili ou de outra pessoa, ainda que companhia tão agradável e prazerosa.

Terminado o castigo, Asmo voltou, e Lúcifer retornaria a seus domínios.

Para surpresa – e inveja – de Asmo, Lili implorou para que Lúcifer ficasse, oferecendo-se até para deixar Asmo, ou formarem um trio de amantes, tamanha sua afinidade, seu amor, ou seja lá o que fosse pelo mestre.

De nada adiantaram as súplicas de Lili – e mortais nem imaginam o que acontece quando entidades milenares discutem, brigam ou guerream. Lú-

cifer precisava – e queria – retornar. Que Asmo e Lili resolvessem seus problemas entre si. Não tinha – jamais tivera – por objetivo final o envolvimento com quem quer que fosse. Tinha outras necessidades, coisas mais prementes para cuidar. O prazer tem prazo de validade; o amor, idem. Sua missão, no entanto, não. Deixou, antes de ir, algumas palavras:

— Por que estão reclamando? Não somos membros de uma congregação que enaltece os sentidos, as sensações? O importante é saber como isso pode elevar nosso espírito e nos aproximar do divino. Até porque eu sou divino. Vocês também são divinos. Ou já se esqueceram disso? Nosso objetivo transcende brigas matrimoniais mundanas. Vocês se pertencem, se quiserem. E vocês me pertencem, porque eu quero. Jamais se esqueçam disso. E jamais se esqueçam de nosso

no sexo e na razão; ou seja, a avareza supera a luxúria. Em outras palavras, vocês dois e todos os seus seguidores dependem de mim, do deus da avareza.

Após breve interrupção:

— Não me interessa o que vocês fazem, contanto que me tragam seguidores fiéis. Por outro lado, não menosprezem a hierarquia. Lúcifer e sua acumulação vêm antes. O que quiserem vem depois. Não me importa. Respeitemo-nos em nossos propósitos específicos. Vou deixá-los agora e espero não precisar retornar por motivo tão prosaico quanto o que me trouxe aqui desta vez. Por enquanto, é só.

ACTUS IX

As festas prosseguiram, as iniciações prosseguiram, e o número de luxuriosi continuou aumentando – na verdade, continua até hoje. Aquele

objetivo primordial; converter mais e mais membros para nossa causa. Não podemos – e não permitirei – que distrações nos tirem do caminho traçado desde tempos imemoriais.

Olhou para Lilith e prosseguiu:

— Lilith, nosso tempo juntos aqui foi muito bom, mas acabou. Não superestime o que vivemos neste período. Nossa importância para outrem é sempre temporária, localizada. É finita. Retome seu convívio com Asmodeus. Ou não. Não me importa.

A seguir, dirigiu-se a Asmodeus:

— Asmodeus, jamais permita que sentimentos humanos, mundanos, interfiram em sua busca, em nossa busca. Retome seu convívio com Lilith. Ou não. Não me importa.

Parou de falar por alguns momentos e começou a desaparecer; a nuvem amarela que envolveu a todos parecia

episódio foi praticamente superado. É bom ressaltar que Asmo e Lili não são os únicos. Em todo o mundo, há discípulos de Lúcifer a recrutar membros. São inúmeras casas, inúmeros subgrupos e inúmeros locais. Como já devem saber, trata-se de uma legião.

Asmo e Lili representam um dos princípios milenares, vulgarmente identificado com os sentidos, com o sexo, com a luxúria. Há outros deuses reencarnados que representam princípios diferentes. Embora as religiões ao longo do tempo tenham recrudescido, deturpado, menosprezado e modificado toda a História, há sempre mais a respeito desses princípios. Para aqueles que almejam algo de positivo espiritualmente, tudo é um caminho para um fim determinado. Alguns se dedicam à comida, outros ao acúmulo de bens materiais, ainda outros ao ócio; uns partem do rancor, enquanto

lugar de origem. Qualquer passagem pela Terra não me é agradável. Não sei como meus congêneres aturam o convívio com os humanos. Enfim, não me compete julgar, e sim ajudar.

Espero que este breve relato seja lido por alguém que dele faça bom uso. Lúcifer o aprovou. Por ora, despeço-me

indicar o final da entrevista, mas, em poucos segundos voltou a sua forma material e falou.

— Estou decepcionado, devo dizer.

Após algum tempo, retomou a palavra.

— Faz milênios que batalhamos por adeptos de nossas ideias. Divergimos em alguns pontos. Vocês dois privilegiem os sentidos; eu proponho a acumulação de riquezas, de dinheiro, de bens, de tudo que é comprável, trocável, em suma, acumulável. Sem isso, nada mais pode ser obtido. Nem a tal evolução pelo corpo que vocês pregam. O sexo depende do dinheiro. O amor depende do dinheiro. Tudo depende do dinheiro. Tudo. Absolutamente tudo. O que vocês defendem depende do dinheiro, do acúmulo. Em outras palavras, vocês – e não só vocês – dependem de mim. Apoio o que vocês defendem, mas meu objetivo

outros querem obter o que não lhes pertence e, por fim, alguns se acham melhores do que os demais.

Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto, ou seja, todos esses princípios podem ser usados para o bem ou para o mal, especialmente em se tratando de humanos, que, a História mostra, nem sempre possuem conhecimento e discernimento suficientes. Tudo que se faz tem consequências, boas e más; em outras palavras, toda causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa, existem muitos planos de causalidade mas nada escapa à Lei. Todas essas são sábias palavras de meu mestre, Trimegisto.

Embora eu partilhe de diferentes abordagens, no meio etéreo, ou eterno, se preferirem, todos nos conhecemos e, guardadas algumas diferenças por vezes radicais, nos res-

e me dirijo a outro momento, local, época, o que for, pois nada está parado, tudo se move. Volto, então, para o convívio de meu amado Tobias. Com afeto,

Sara.

está além.

Depois de uma pausa, prosseguiu.

— Eu inventei a necessidade de acumular. Por isso, os mundanos me associam à avareza, o que não desaprovo. Vocês defendem outras ideias, das quais também compartilho. Desejo? Amor? Sexo? Atração? Vocês privilegiam a luxúria. Tudo isso me interessa, mas não como um fim. O que me interessa é o acúmulo de tudo. Aceito ser o deus da avareza; aceitem serem os deuses da luxúria. Mas lembrem-se: a luxúria não existe sem a avareza. A luxúria está contida – junto com diversos outros princípios – na avareza. Nada existe sem dinheiro. Saúde, alimentação, educação, conhecimento, política, justiça, amor, sexo, desejo, concupiscência – absolutamente tudo depende da riqueza, do dinheiro. Vejam os humanos: o sexo manda na razão; o dinheiro manda

peitamos. Tentamos não interferir na seara uns dos outros. Nem sempre é possível, mas é o que tentamos fazer. Só o mal é condenável, mas é preciso estabelecer com rigor o que é o bem e o mal.

Nem todos percebem, mas emulam os deuses, espíritos, entidades, extraterrestres, ou como os desejem classificar. Como sensatamente postulou meu mestre, o que está em cima é como o que está embaixo; o que está dentro é como o que está fora. Não há discussão quanto a isso. Basta observar o mundo que nos cerca.

Fui convidada por Lúcifer para participar de uma situação educativa para dois de nossos iguais, Asmodeus e Lilith. Fui o pivô de uma ocorrência que deslançou acontecimentos que somente os dois poderiam entender. Fico feliz pela escolha. E agora que tudo se resolveu, pude voltar a meu